

#cm  
**2**  
QUINTA-FEIRA

Renato Mangolin/Divulgação

ENTRE FARDAS ESCURAS E JALECOS BRANCOS O AMOK DISCUTE RACISMO, MATERNIDADE, DIREITOS HUMANOS EM 'INCONDICIONAIS'

# Incondicionalmente **REAIS**

**Grife de excelência** na cena teatral, o **Grupo Amok estreia nesta quinta (25)** o espetáculo "Incondicionais", que costura a **realidade vivida por mulheres no sistema carcerário** ao debater temas como abandono, **violência estrutural** e maternidade. Página 2

# Pelas frestas da solidariedade

Violências e desamparos da realidade prisional feminina brasileira viram peça nas mãos do Teatro Amok no espetáculo 'Incondicionais', que celebra a força das mulheres encarceradas



Renato Mangolin/Divulgação

pelas histórias de muitas mulheres e, ao mesmo tempo, oferece a esse material dramático sua própria escuta, sua imaginação, suas emoções e sua humanidade. O encarceramento feminino é uma realidade complexa e plural, impossível de ser reduzida a uma única trajetória. Em 'Incondicionais', cada personagem ilumina um aspecto diferente dessa experiência e, ao mesmo tempo, lança uma nova luz sobre as demais. Nessa montagem, o protagonismo não pertence a uma personagem isolada. Ele emerge justamente do encontro entre quatro mulheres e da possibilidade de o espectador perceber, entre elas, uma experiência compartilhada de vulnerabilidade, maternidade, abandono e sororidade.

Ao longo de uma trajetória cênica pontuada por pérolas como "Os Cadernos de Kindzu" (2016), "Bordados" (2020) e "Furacão" (2023), o Amok realizou turnês por 170 cidades brasileiras e levou seus espetáculos para países como Escócia, Sérvia, Argentina e China. Também desenvolveu projetos de grande alcance, como a "Trilogia da Guerra" e o ciclo "África". Em "Incondicionais", Ana e Brodt falam em "teatro documental" referindo-se a um retrato do real no qual a cadeia é a linha final de um grande rito do abandono.

"Seria mais justo recorrer à expressão 'teatros documentais'. Optamos pelo plural para distinguir as práticas contemporâneas do contexto histórico em que surgiram o teatro documental de Peter Weisz", explica Ana, numa referência à genealogia artística com a qual dialoga. "Essa expressão nos parece mais adequada justamente porque ela abarca as múltiplas possibilidades que o teatro tem de se aproximar da realidade. E a realidade é sempre composta por pequenas ou grandes tragédias. Em 'Incondicionais', estamos diante da nossa grande tragédia social: mulheres em situação de vulnerabilidade, abandono e invisibilidade".

Segundo Brodt, o projeto de luz que acompanha as histórias, na iluminação e Renato Machado, "não é pesado e sombrio".

"A luz não revela só os espaços exteriores, ela também acompanha o mundo interior de cada personagem", diz o ator e encenador francês, radicado no Brasil desde 1995. "A nossa preocupação com a luz não é de reproduzir o espaço físico do cárcere, mas criar uma experiência sensível capaz de revelar as múltiplas camadas humanas que existem dentro dele".

## SERVIÇO

### INCONDICIONAIS

Teatro Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)  
De 25/6 a 19/7, às quintas e sextas (20h), sábados e domingos (18h)  
Ingressos: R\$ 30, R\$ 27 (convênios), R\$ 21 (sócio Sesc) e R\$ 15 (meia)

## RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

**G**ometricamente equidistantes da liberdade, os cinco vértices do poliedro poético chamado "Incondicionais" — composto por Dai Ramos, Luciana Lopes e Sirlea Aleixo, com suas filhas Taty e Thay Aleixo — transformam em encenação (ou seria melhor chamar de registro documental em ato e gesto) as experiências de mulheres que vivem atrás das grades num Brasil regrado por injustiças sociais. É trabalho de cada uma investigar as questões que o novo espetáculo do Amok Teatro — uma das grifes de maior prestígio e ousadia das artes cênicas no país — encena deste 25 de junho (quinta) até 19 de julho, no Teatro Arena do Sesc Copacabana.

Na peça, o duo criador do Amok, Ana Teixeira e Stephane Brodt, mergulha no universo das penitenciárias femininas brasileiras para discutir abandono, violência estrutural e maternidade. Pavimentam a busca investigativa deles os livros "Cadeia — Relatos Sobre Mulheres", de Debora Diniz; "Prisioneiras", de Dráuzio Varella, "Presos Que Menstruam", de Nana Queiroz; e "Prisioneiras — Vida e Violência Atrás Das Grades", de Bárbara Musumeci Soares e Iara Ilgenfritz.

"A base da dramaturgia em 'Incondicionais' é o testemunho. O que encontramos nessas fontes literárias são relatos de pessoas que testemunharam, seja através de en-

trevistas, observação ou escuta, em seus atendimentos, o relato de mulheres encarceradas", explica Ana. "Assim, a voz dessas mulheres chega até nós através do filtro do olhar e da subjetividade daqueles que escutam. Somos, de certo modo, testemunhas dessas testemunhas. E olhamos para esse material através do filtro do teatro, isto é, buscando personagens".

Desde 1998, quando o Amok nasceu, muito bem representado por "Cartas de Rodez" (1998), "O Carrasco" (2001) e um inesquecível "Macbeth" (2004) maculado de sangue, a pesquisa é o cerne das encenações desenvolvidas por Ana e Brodt. Ao olhar sobre a distância que separa o cárcere e a rua, em "Incondicionais", a dramaturga, pedagoga e encenadora explica que um personagem, é sempre o resultado

do encontro de um material dramático e um ator ou uma atriz. "Isso vale tanto para as detentas que trazemos à cena, quanto para grandes personagens da dramaturgia universal. Então, podemos dizer, que a raiz da nossa dramaturgia está ancorada na experiência de pessoas reais, de 'carne e osso'. Mas o que levamos para o palco, é uma ficção", diz Ana. "Nosso trabalho não é de o de transpor o que está nos livros para o palco. O que levamos para a cena são personagens únicos que fazem ecoar a voz de muitas mulheres. É como costurar uma colcha de retalhos: fragmentos de histórias se juntam para formar uma personagem que nasce do encontro da nossa imaginação com a realidade de diversas vidas".

"Incondicionais" se passa em uma prisão feminina, onde psicólo-



Renato Mangolin/Divulgação

*Incondicionais, espetáculo do Amok, rastreia a cena carcerária feminina brasileira*

*Stephane Brodt e Ana Teixeira amalgamam a alma e o coração do Amok*

Entre os dias 26 de junho e 19 de julho o Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, no Humaitá, sedia a mostra “Ocupa Boal” — uma ocupação dedicada à trajetória multifacetada de Augusto Boal (1931-2009), dramaturgo, diretor e criador do Teatro do Oprimido. Idealizada pelo Instituto Augusto Boal, a programação inclui o espetáculo inédito no Rio “Hamlet 16x8”, uma exposição audiovisual com curadoria de Cecília Boal e Daniela Camargo, além de oficinas e bate-papos.

À frente do instituto, Cecília Boal — psicanalista e atriz, companheira de vida e parceira artística de Boal por seis décadas — dedica-se à preservação e difusão do legado do teatrólogo. Para ela, revisitar essa trajetória é também olhar para o Teatro de Arena como movimento cultural e político. “Existia ali uma proposta política para o Brasil muito definida, e a ditadura fez o possível para que houvesse um apagamento dessa experiência”, afirma. A mostra propõe justamente recolocar essa história em circulação, aproximando o público de diferentes dimensões da obra do dramaturgo.

O ponto alto da programação é a estreia carioca de “Hamlet 16x8”, solo com Rogério Bandeira e direção de Marco Antonio Rodrigues. O espetáculo parte do livro “Hamlet e o Filho do Padeiro: Memórias Imaginadas”, autobiografia em que Boal revisita a infância, o Teatro de Arena, a prisão, o exílio e a trajetória internacional. A encenação, construída por Rodrigues e Bandeira, peneira os achados, os ditos e os quereres de Boal, representando toda uma geração do teatro brasileiro refundada no Teatro de Arena. A peça estreou em São Paulo em 2021 e foi indicada na categoria Melhor Espetáculo do Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte).

Além do espetáculo, a exposição audiovisual “Augusto Boal”, com curadoria de Cecília Boal e Daniela Camargo, reúne cartazes, fotografias e registros históricos de montagens dirigidas por Boal no Brasil e no exterior, além de trechos de entrevistas e depoimentos em vídeo do dramaturgo, de amigos e de artistas que fizeram parte de sua trajetória. A mostra evidencia o papel fundamental de Boal como divulgador da dramaturgia ibero-latino-americana.

A ocupação também destaca a importância do Teatro de Arena, grupo fundamental da cena brasileira a partir dos anos 1950. Sob direção de Boal, o Arena consolidou uma dramaturgia voltada à realidade social brasileira e revelou autores, atores e encenadores que marcariam a história do teatro nacional. O grupo circulou por países como Estados Unidos, México, Peru e Argentina, tornando-se referência artística e política na América Latina e no mundo.



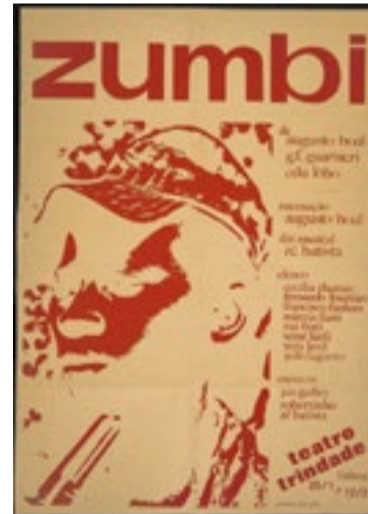
Augusto Boal dirigindo 'La Malasangre', em Nuremberg (Alemanha), em 1984

# Ocupa Boal

Mostra reúne a peça inédita no Rio “Hamlet 16x8”, exposição audiovisual, oficinas e debates sobre o criador do Teatro do Oprimido no Espaço Cultural Sérgio Porto até 19 de julho



Hamlet 8X16



Reprodução acervo Instituto Augusto Boal

A realização da “Ocupa Boal” em 2026 ganha camadas extras de sentido. O país completa 42 anos do fim da ditadura civil-militar, contexto que moldou boa parte da trajetória do dramaturgo — preso, torturado e exilado entre 1971 e 1979, Boal transformou a adversidade em motor criativo, desenvolvendo justamente no exílio as primeiras técnicas do Teatro do Oprimido, método que levaria seu nome aos cinco continentes e o tornaria candidato ao Prêmio Nobel da Paz em 2008.

Recolocar essa experiência em circulação num equipamento cultural municipal do Rio de Janeiro — sua cidade natal — é também um ato de resistência à lógica do apagamento que Cecília Boal menciona. Para além da homenagem, a mostra apresenta às novas gerações a potência de um teatro que não se para estética de ética, cena de consciência social.

## SERVIÇO

### OCUPA BOAL

Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Visconde Silva, s/nº – Humaitá). De 26/6 a 19/7.

HAMLET 16x8: Sextas e sábados (19h30) e domingos (18h). R\$ 40 e R\$ 20 (meia).

**EXPOSIÇÃO AUGUSTO BOAL** Abertura em 26/6, às 18h, com visita mediada por Cecília Boal às 18h30. De quarta a domingo, das 16h às 21h. Grátis

**OFICINA TEATRO JORNAL** 27 e 28/6 (sáb e dom), 15h às 19h. R\$ 100. Inscrições: Sympla.

**OFICINA AUGUSTO BOAL E O TEATRO DO OPRIMIDO** – 18 e 19/7 (sáb e dom), 15h às 19h. R\$ 100. Inscrições: Sympla.

### CONVERSAS

Celso Frateschi: 27/6 (sáb), 17h, no Palco Principal. Geo Britto: 12/7 (dom), 15h30. Ambas gratuitas, com distribuição de senhas uma hora antes.

A programação inclui ainda duas oficinas. A primeira, “Teatro Jornal: um arsenal do Teatro do Oprimido”, ministrada por Pedro Barroso, combina jogos do Teatro do Oprimido com a criação de cenas a partir de notícias atuais, e contará com a presença especial do ator Celso Frateschi — figura histórica que participou do grupo com o qual Boal desenvolveu sua primeira peça de Teatro Jornal, e que atualmente dirige o Ágora Teatro, em São Paulo. A segunda, “Augusto Boal e o Teatro do Oprimido”, com Lucas Tostes e Thaís Paiva, propõe uma imersão teórico-prática na trajetória de Boal e no desenvolvimento do método, abordando seu contexto histórico, político e cultural, com realização de jogos e técnicas que articulam a prática teatral à conjuntura atual e às questões vividas pelos participantes em seus contextos sociais.



A 21ª edição da mostra em Ouro Preto reafirma a importância fundamental da preservação audiovisual para a construção da memória nacional

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**R**esponsável por um circuito de festivais que redesenhou o papel estratégico de seu estado na economia da cultura, Raquel Hallak abriu o ciclo de 2026 das maratonas cinéfilas nacionais de relevo estético tamanho GG em janeiro, com a Mostra de Tiradentes. A partir desta quinta, seu QG passa a ser Ouro Preto. Lá, a produtora celebra a maioria da CineOP, evento que debate a preservação ao mesmo tempo que desbrava novos veios poéticos de nosso audiovisual.

Por lá hão de circular 135 filmes, sendo 33 longas, 4 médias e 98 curtas divididos em 42 sessões, que vão de 25 a 30 de junho. As projeções acontecem em três espaços principais: o Centro de Artes e Convenções da UFOP, sede do evento e do Cine-Teatro Petrobras (510 lugares); a Praça Tiradentes, com o Cine-Praça (500 lugares), destinado à abertura, ao encerramento e às exibições ao ar livre; e o Cine-Museu (90 lugares), instalado no Anexo do Museu da Inconfidência. Parte da programação também poderá ser acompanhada gratuitamente pela plataforma [www.cineop.com.br](http://www.cineop.com.br).

A 21ª CineOP se desenha a partir de um tema: Um País Existe Nas Imagens Que Preserva. Estruturada sob a curadoria de Juliana Gusman e Cleber Eduardo, a mostra competitiva, intitulada Arquivos em Questão, reúne os longas "Proust Palimpsesto: Pastiches e Misturas", de Carlos Adriano (SP); "Apocalipse Segundo Baby", de Rafael Saar (RJ); "Universo Circular – Jocy de Oliveira", de Dácio Pinheiro (RJ); "Irritante Prodígio", de Luiza Lindner (SP); e "Notas sobre



Leo Lara/Universo Produção

CineOP mobiliza diferentes espaços da histórica cidade das Gerais

# O futuro tem memória na CineOP



Karina Vasconcellos/Divulgação

O mítico ator Antônio Pitanga dá depoimento em filme sobre o diretor Fernando Coni Campos



Divulgação

'Irritante Prodígio', de Luiza Lindner, é um dos títulos em concurso no evento de Ouro Preto



Divulgação

Vencedor da Mostra de Tiradentes, 'Anistia 79' tem passaporte carimbado para a CineOP

um Desterro", de Gustavo Castro (DF). Entre as pré-estreias da Mostra Contemporânea destacam-se "Anistia 79", de Anita

Leandro (RJ); "Fernanda Abreu – Da Lata 30 Anos, o Documentário", de Paulo Severo (RJ); e "Fernando Coni Campos: Cada

Um Vive Como Sonha", de Luis Abramo e Pedro Rossi (RJ).

A Mostra Histórica, dedicada aos primeiros filmes de diretoras

brasileiras, exibe clássicos como "Feminino Plural", de Vera de Figueiredo (RJ); "Mar de Rosas", de Ana Carolina (RJ); "Que Bom Te Ver Viva", de Lucia Murat (RJ); "Um Céu de Estrelas", de Tata Amaral (SP); e "Um Dia com Jerusa", de Viviane Ferreira (SP). A homenageada desta edição é a cineasta Helena Solberg (RJ), cuja trajetória será revisitada por meio de obras como "A Entrevista" (RJ), "Meio Dia" (RJ) e "Carmen Miranda: Bananas Is My Business" (RJ).

Na Mostra Preservação ganham destaque as cópias restauradas de "O Ébrio", de Gilda Abreu (RJ), clássico que completa 80 anos; "Vento Norte", de Salomão Scliar (RS); "Jangada de Ir e Vir", de Marcus Vale (CE); e "A Luta do Povo", de Renato Tapajós (SP), além das pré-estreias de "Os Irmãos Segreto", de Michele Manzolini e Federico Ferrone (Itália/Brasil), e "O Filme Infinito", de Leandro Listorti (Argentina). A Mostra Educação apresenta "Fraternura", de Evani-ze Sydow e Américo Freire (RJ), e "Arquivo Vivo", de Vincent Carrelli e Ana Carvalho (SP). Já a Mostrinha exibe "A Mensagem de Jequi", de Igor Amin (MG), ao lado de curtas e animações voltadas ao público infantil e escolar.

## ENTREVISTA | RAQUEL HALLAK

PRODUTORA E COORDENADORA GERAL DA CINEOP

*‘Não existe futuro sem memória e não existe preservação sem produção contemporânea’***RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

Na conversa a seguir, Raquel explica como esse ecossistema cinematográfico para de pé.

**De que maneira a Mostra de Ouro Preto, com sua verve de preservação, conjuga-se com a verve memorialista (e reverente à História) das Gerais? De que forma a Mostra se articula com os demais esforços de preservação patrimonial do estado?**

**Raquel Hallak** - A CineOP nasceu em Ouro Preto por uma razão muito simbólica. Estamos falando da primeira cidade brasileira reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade, um território que tem na preservação da memória uma de suas maiores vocações. Ao longo de seus 21 anos, a Mostra construiu uma relação profunda entre o patrimônio audiovisual e o patrimônio histórico, artístico e cultural de Minas Gerais. Quando discutimos a preservação do cinema, estamos falando também da preservação das narrativas, dos modos de vida, dos acontecimentos e das identidades que ajudam a contar a história de um povo. O cinema é um patrimônio cultural tão importante quanto os monumentos, as cidades históricas e os acervos documentais. Desde sua primeira edição, a CineOP realiza o Encontro Nacional de Arquivos e Acervos Audiovisuais Brasileiros, que reúne representantes das principais instituições de preservação do país. Ao longo de duas décadas, esse espaço tem contribuído para discutir desafios, formular diretrizes e colaborar na construção de políticas públicas para o setor. A trajetória da CineOP está diretamente associada a importantes conquistas da preservação audiovisual brasileira, como a criação da Associação Brasileira de Preservação Audiovisual (ABPA), a elaboração do Plano Nacional de Preservação Audiovisual e, mais



Leo Lara/Universo Produções

recentemente, a criação da Rede Nacional de Arquivos e Acervos Audiovisuais Brasileiros. Por isso, o tema desta edição — “Um país existe nas imagens que preserva” — dialoga de forma tão profunda com a vocação histórica e patrimonial de Ouro Preto, de Minas Gerais e do Brasil, reafirmando que preservar imagens é preservar a memória, a identidade e a história de uma nação.

**Como a seleção de filmes da CineOP conversa com o repertório das mostras de Tiradentes e de BH, que você também realiza?**

Os três festivais realizados pela Universo Produção integram o programa Cinema Sem Fronteiras e foram concebidos para serem diferentes e complementares. Juntos, eles formam uma plataforma contínua de reflexão, difusão, formação, internacionalização e desenvolvimento do audiovisual brasileiro, do audiovisual latino-americano. A Mostra de Tiradentes é dedicada ao cinema brasileiro contemporâneo, à descoberta de novos realizadores, à diversidade da produção, novas linguagens, tendências e narrativas. A CineBH amplia esse olhar para a América Latina (hispânica), promovendo o encontro entre criação, mercado, formação e circulação audiovisual. Já a CineOP tem como eixo central a

preservação, a história e a educação, refletindo sobre a memória audiovisual e sua importância para a construção da identidade cultural do país. Essas três dimensões dialogam permanentemente. Não existe futuro sem memória, assim como não existe preservação sem produção contemporânea. Muitos dos filmes que estreiam hoje em Tiradentes serão, no futuro, parte do patrimônio audiovisual brasileiro que precisaremos preservar. Da mesma forma, as reflexões promovidas pela CineOP ajudam a compreender a trajetória histórica do cinema e a contextualizar as produções que circulam em Tiradentes e na CineBH. Juntos, os três festivais e o Brasil CineMundi formam uma plataforma única no país, que atua de maneira integrada em todas as dimensões do audiovisual: formação, produção, mercado, exibição, circulação, preservação, pesquisa e internacionalização do cinema brasileiro.

**A Universo, com sua dinâmica de realização de festivais, virou uma grife entre as produtoras do país. Ao longo de suas três décadas de dedicação à feitura de mostras como a CineOP, de que maneira a atividade de produzir mudou?**

Produzir festivais hoje é muito

diferente do que era há 30 anos. O setor audiovisual se transformou profundamente, surgiram novas tecnologias, novas formas de consumo, novas demandas de acessibilidade, sustentabilidade, inclusão e participação social. Ao mesmo tempo, os eventos culturais passaram a assumir um papel cada vez mais estratégico no desenvolvimento dos territórios onde acontecem. O que não mudou foi a necessidade de construir projetos com propósito, relevância cultural e compromisso com a sociedade. É isso que sustenta a longevidade dos festivais da Universo Produção.

**De que forma um governo como o de MG oxigena sua cultura com eventos como a Mostra de Ouro Preto?**

Minas Gerais possui uma tradição cultural extraordinária e compreende a importância da cultura como vetor de desenvolvimento humano, social, econômico e turístico. Eventos como a CineOP movimentam a economia criativa, fortalecem a cadeia produtiva do audiovisual, geram emprego e renda, promovem formação, estimulam o turismo cultural e projetam o estado nacional e internacionalmente. Investir em cultura é gerar desenvolvimento social, humano e econômico. No entanto, ainda existe um descompasso entre a dimensão dos resultados entregues

por iniciativas como o Cinema sem Fronteiras e o volume de investimentos públicos destinados à sua continuidade e expansão. Após quase três décadas de atuação e realização de festivais que projetam Minas Gerais para o Brasil e para o mundo, acreditamos que programas estruturantes dessa natureza merecem reconhecimento e apoio compatíveis com sua importância estratégica para a cultura, a economia criativa e o desenvolvimento do estado.

**Com anos e anos de serviços prestados ao nosso cinema, você ainda consegue lembrar do primeiro filme que viu numa sala de cinema?**

Lembro com muito carinho de ter assistido a “Branca de Neve” no Cine Glória, em São João del-Rei, minha terra natal. É uma lembrança muito especial porque o Cine Glória, um dos cinemas mais antigos em atividade no país, resiste ao tempo e permanece aberto até hoje. Foi ali que tive algumas das minhas primeiras experiências com a magia do cinema. Já na adolescência dois filmes me marcaram profundamente: “A Lagoa Azul” e “Bete Balanço”. A gente ia ao cinema para divertir e também para namorar. As sessões de cinema faziam parte da vida cultural da cidade e ocupam um lugar muito afetivo na minha memória. Quando me mudei para Belo Horizonte, para cursar faculdade, descobri uma cidade que vivia intensamente o cinema. Passei a frequentar assiduamente o Cine Pathé, que se tornou uma referência importante na minha formação como espectadora. Belo Horizonte chegou a ter cerca de 120 salas de cinema espalhadas pelos bairros. Ir ao cinema era um dos principais programas culturais da capital.

**Qual foi o primeiro filme brasileiro que você viu no cinema?**

Não consigo afirmar com precisão qual foi o primeiro filme brasileiro que vi, mas um dos que mais me marcaram foi “Lavoura Arcaica”. Tenho uma lembrança muito especial de sua exibição na 3ª Mostra de Cinema de Tiradentes. Naquele momento, os filmes eram exibidos em uma lona adaptada para funcionar como sala de cinema. Era uma

# Canções que desaguam no mar do samba baiano

Compositora, escritora e pesquisadora Ana Flauzino faz sua estreia como cantora em 'Rabiscos para o Mar'

AFFONSO NUNES

**A**h, o mar! Cantando como quem conversa, a compositora, escritora e pesquisadora Ana Flauzino dá voz às suas canções em "Rabiscos para o Mar", seu primeiro álbum, já disponível nas plataformas digitais via Trattore. São 13 faixas autorais que mergulham na tradição do samba baiano, com as bênção de Iemanjá. A produção capricha nos detalhes — os arranjos de percussão, os sopros, os coros — neste encontro de vontades.

Aqui rabiscos viram canção, canções que encontram o mar — e o mar tanto é o oceano da orixá quanto a imensidão de referências que a cantora e compositora evoca, sobretudo o samba baiano que a artista domina com naturalidade.

Para quem não é de terreiro, vale explicar. A cadência do samba baiano não é a mesma do samba de roda do Recôncavo, embora



Ana Flauzino apresenta canções como quem conversa à beira-mar numa tarde domingueira

converse com ele. É um gingado rítmico que nasce da mistura do samba de roda com influências dos blocos afro, do ijexá e do samba-reggae — gêneros que explodiram em Salvador a partir dos anos 1970 com grupos como Ilê

Aiyê, Olodum e Muzenza. Seu andamento cadenciado é menos acelerado que o samba carioca, com uma levada de percussão que valoriza os timbres graves e uma pulsação que parece dançar no contratempo. É samba que se can-

ta com o corpo inteiro, que carrega a marca da cultura negra baiana em cada virada de tambor.

As composições remetem aos diferentes sotaques do samba brasileiro, mas é na pegada baiana que o disco encontra seu centro

de gravidade. A direção musical de Marília Sodré (violão) e Tiago Nunes (percussão) sublinha essa identidade com arranjos que ora soam encontros domingueiros cheios de amora para dar ora evocam a energia de um bloco afro pelas ruas de Salvador.

O repertório é generoso com a capital baiana. As 13 faixas são crônicas do cotidiano da cidade, pelas feiras, pelas ladeiras, pelos encontros. A poesia de Ana Flauzina traz oralidade, aquela conversa citada no início do texto. Tanto Iemanjá quanto os orixás que regem o universo afrobrasileiro são celebrados como personagens soteropolitana, uma presença orgânica.

Há ainda um gesto político no trabalho. Com "Rabiscos para o Mar", Ana Flauzina abre a varanda à beira-mar para duetos com artistas com quem mantém afinidade como Mylane Mutti ("Rebento"), Gab Ferruz ("Erê Sagrado"), Cris Pereira ("Rabiscos para o mar"), Deyse Ramos ("Liberdade"), Márcia Short ("Delirante"), Janja Araújo ("Só vence quem sabe amar") e Aloísio Menezes ("Dentro dos seus carnavais"). "Rabiscos para o Mar" pede escuta atenta, contemplativa, com as janelas e portas da percepção escancaradas. Para uma estreia fonográfica, o álbum cheifa com sabor de fruta madura. Não é o disco de uma cantora descobrindo sua voz, mas de uma compositora que decidiu usá-la para contar as histórias que já escrevia na melhor definição de cantautora. Outros rabiscos são bem vindos.

## Nem concerto erudito nem show de axé. Apenas encantamento

Projeto que reúne Carlinhos Brown e músicos da Orquestra Ouro Preto chega ao YouTube

O encontro entre a percussão baiana de Carlinhos Brown e a tradição erudita da Orquestra Ouro Preto, que já arrastou multidões por praças e teatros do país, agora ganha versão audiovisual. Gravado ao vivo durante concerto na Concha Acústica de Salvador, em outubro de 2025, o concerto "Afrossinfonia"

estrela no YouTube nesta sexta (26) nos canais do artista e do conjunto mineiro, simultaneamente. No mesmo dia, chega às plataformas de streaming o Volume 2 do álbum, dando continuidade ao registro fonográfico do projeto.

O repertório percorre diferentes momentos da obra de Brown, com nova roupagem sinfônica assinada pelo arranjador Paulo Malheiros e regência do maestro Rodrigo Toffolo. Entre os destaques do Volume 2 estão composições criadas por Carlinhos Brown ao lado dos Tribalistas — Marisa Monte e Arnaldo Antunes — como "Vilarejo", "Velha Infância" e "Já Sei Namorar".

Carlinhos Brown e os músicos da Orquestra de Ouro Preto durante apresentação em Salvador



Também ganham novas interpretações sucessoras como "A Namorada", "Amor I Love You" e "E.C.T", esta última em parceria com Nando Reis e Marisa Monte.

O concerto revela que essas duas

linguagens musicais podem e devem caminhar juntas. Entre o tambor e o violino, entre o terreiro e o teatro, entre Minas e Bahia, há uma cumplicidade que a música brasileira promove como poucas pelo mundo.

O encontro mais recente entre Carlinhos Brown e a Orquestra Ouro Preto aconteceu no dia 17 de maio e reuniu mais de 25 mil pessoas na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte. O projeto, que teve sua primeira edição em 2024, já passou por São Paulo (Av. Paulista), Rio (Praia de Copacabana), Salvador (Concha Acústica), Ouro Preto e Trancoso. Novas edições estão previstas para o segundo semestre.

"Afrossinfonia" é a força rítmica da herança afro-brasileira no centro da orquestra. Não é concerto de música clássica e tampouco show de axé, mas algo que só existe naquele encontro. (A. N.)

**C**inco décadas depois de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Maria Bethânia subirem juntos ao palco para uma turnê que se tornaria um dos marcos da música popular brasileira, um quarteto da cena independente carioca revisita aquele momento. Simone Mazzer, Verônica Bonfim, Guilherme Borges e Maíra — que se autodenominam Os Esotéricos — estreiam nesta quinta-feira (25), no Manouche, o show “Nosso Amor aos Doces Bárbaros”, homenagem aos 50 anos do álbum e da turnê que reuniram os quatro baianos.

O projeto original nasceu em 1976, quando Caetano, Gil, Gal e Bethânia — cada um já com uma década de carreira — decidiram se apresentar juntos. A turnê percorreu o Brasil e gerou um disco ao vivo que se tornou documento histórico. O país vivia sob ditadura militar; Caetano e Gil haviam voltado do exílio em Londres havia poucos anos, e aquele encontro em palco tinha um peso político. Aqueles quatro cantando juntos resistiam ao peso do arbítrio armados de alegria.

O repertório do espetáculo é baseado no álbum “Doces Bárbaros” (1976), que inclui faixas como “Os Arcos”, “O Seu Amor”, “Até Quem Sabe” e “Filhos de Gandhi”, entre outras. “Não é uma cópia, o intuito é celebrar! Queremos que quem não conhece tenha vontade de descobrir, e que quem já conhece cante junto com a gente”, convocam os músicos. A proposta, segundo eles, é lúdica, contestadora e, acima de tudo, celebratória.

Cada um dos quatro integrantes traz um percurso próprio. Simone



Divulgação

Guilherme Borges, Maíra, Simone Mazzer e Verônica Bonfim homenageiam aos 50 anos da estreia do revolucionário grupo de artistas baianos

# É muito amor envolvido

Quarteto formado por músicos da cena independente celebra o repertório dos Doces Bárbaros

Mazzer é atriz e cantora com 35 anos de carreira; venceu o Prêmio da Música Brasileira na categoria Revelação em 2016 e tem no cur-

riculo o filme “Nise — O Coração da Loucura” e as séries “Me Chama de Bruna” e “Dona Beja”. Verônica Bonfim é artista baiana, doutora

e multi-instrumentista, premiada pelos musicais “Elza” e “Vozes Negras”, além de laureada com a Medalha Theodosina Ribeiro (Alesp)

e o Diploma Ruth de Souza (Alerj). Guilherme Borges é mestre em direção musical pela Mountview Academy of Theatre Arts, em Londres, e assinou a direção musical de “The Bow Maker”, no National Theatre of Scotland. Maíra, cantora, atriz e compositora, lançou em 2022 o EP visual “Pode Amar”, premiado em festivais de cinema, e estreia em 2026 na novela “Quem Ama Cuida”, da TV Globo.

## SERVIÇO

### NOSSO AMOR AOS DOCES BÁRBAROS

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983) | 25/6, às 21h  
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia solidária, levando 1 kg de alimento não perecível ou livro)

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES



Sillas Henrique/Divulgação

### Celebração à canção

Assucena e João Camarero se apresentam no projeto Quintas no BNDEs nesta quinta-feira (25), às 19h. O show une a cantora pernambucana, ex-integrante do grupo As Bahias e a Cozinha Mineira, e o violonista paulistano, conhecido pelo trabalho camerístico. O repertório percorre clássicos de Cartola, Tom Jobim, Chico Buarque, Noel Rosa, Djavan e Villa-Lobos, além de composições autorais de ambos os artistas. É um diálogo entre voz e violão em formato intimista, com ênfase na escuta e na sutileza dos arranjos. Grátis



Divulgação

### O pupilo de Hermeto

O pianista Jovino Santos Neto se apresenta no Blue Note Rio nesta quinta (25), às 20h, em seu retorno ao Brasil após anos sem shows no país. Indicado três vezes ao Grammy Latino, o músico radicado em Seattle (EUA) traz um repertório autoral que transita por samba, baião, marcha e maracatu, com improvisos e interação entre os músicos. No palco, Jovino é acompanhado por Pedro Gadelha (contrabaixo) e Rodrigo Digão Bastos (bateria). A apresentação presta homenagem a Hermeto Pascoal, com quem o pianista tocou por 15 anos.



Luciana Moissakis/Divulgação

### Um piano à brasileira

O pianista e flautista Marcos Ariel se apresenta no dia 25 de junho, quinta (25), às 19h, no Centro da Música Artur da Távola, na Tijuca, show que dá nome ao livro “O Piano Brasileiro de Marcos Ariel”, lançado pela editora Jaguatirica em parceria com a Escola de Música e Negócios e o Instituto Gênesis (PUC-Rio). A obra percorre a trajetória do artista desde a formação erudita na flauta até a descoberta do choro, a paixão pelo piano e o diálogo com o jazz. O show celebra a musicalidade carioca e a carreira do instrumentista.

# SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

Ela é o vento.  
É a rajada  
que chega  
sacudindo tudo,  
a que levanta  
a poeira. A que  
causa uma  
tempestade,  
escurece o céu  
num átimo e,  
no instante  
seguinte, deixa  
o ar mais limpo  
do que estava



Imagem criada com a IA GPT Image 2

**TERMINOU.** Sem briga, sem portas batidas, sem aquela contabilidade mesquinha de quem deve o quê a quem. Foi um adeus de gente grande, desses raros, em que os dois conseguem pensar e chegar à conclusão de que tudo aquilo valeu cada minuto. Devia ser fácil, então. Não é. Ninguém me avisou que terminar bem dói de um jeito mais silencioso, e mais comprido.

A gente se amou sendo, no fundo, dois contrários. Eu sou desses que andam devagar, que arrastam o passo, que chegam sempre um pouco depois, mas chegam inteiros. Tenho a calma teimosa de quem já viu muita coisa e desconfia da pressa.

Ela é o vento. É a rajada que chega sacudindo tudo, a que levanta a poeira. A que causa uma tempestade, escurece o céu num átimo e, no instante seguinte, deixa o ar mais limpo do que estava. Um homem lento amando uma ventania. Já viu coisa mais improvável? E mesmo assim durou, e durou bonito, porque o vento precisava de um árvore para conter o sopro e a árvore precisava de alguém que a arrancasse do lugar.

Foram tempos de alegrias bobas, de sustos, de tempestades que pareciam o fim do mundo - e não eram. A gente nunca jurou eternidade. Só se entregou por inteiro enquanto durou - que é, no fundo, a única promessa honesta que duas pessoas podem fazer uma à outra. Sempre com respeito. Sempre com lealdade, palavra que anda em falta por aí.

E houve os carnavais. Meu Deus, os carnavais! Antes dela, fevereiro era só fevereiro: barulho, suor, muito trabalho... mais um na con-

## *Do encontro da ventania com a lentidão, ficam a alegria e a gratidão*

ta dos anos. Depois dela, foi como se alguém tivesse acendido uma luz que eu nem sabia que existia. A gente reinventou o carnaval um para o outro. Agora toda folia que vier vai trazer um pedaço dela escondido em algum canto - na música, na purpurina, na madrugada que só termina com o sol na cara. Não sei se para ela é assim. Prefiro acreditar que sim. Costo de pensar que reinventamos o carnaval um do outro para o resto da vida.

Ela se encantava também por uma terra distante, lá no norte do mundo, de colinas verdes, névoa e gaita de fole. Um povo que a História maltratou sem dó, massacrado tantas vezes, e que mesmo assim jamais se deixou apagar. Isso porque aprendeu a transformar a dor em música, a ferida em dança, o luto em festa. As gaitas daquela gente choram e comemoram ao

mesmo tempo, no mesmo sopro. Foi com ela que entendi essa lição: que se sobrevive ao que dói não pelo esquecimento, mas pela celebração. Talvez seja isso que eu esteja tentando fazer aqui, com estas linhas.

E aí vem a pergunta que não me larga: quando o amor foi honesto do começo ao fim, por que o desfecho tem que ser o desaparecimento? Porque acostumaram que fosse assim. A pessoa some. De uma hora para outra, alguém que sabia o tanto de açúcar que vai no seu café vira um nome que você evita pronunciar. A gente trata o fim de um amor como uma morte: enterra o corpo e finge que aquela vida toda nunca existiu.

Houve um velho mestre, pequenino, de fala torta, orelhas pontudas e sabedoria antiga, que, lá das estrelas, ensinava ser preciso

soltar aquilo que se teme perder. Talvez tenha razão o mestre. Mas aprendo a lição pela metade, e de propósito: solto a posse, solto a cobrança, solto o amanhã que não vai existir. A lembrança, essa, fica comigo. Porque ninguém leva embora o que a gente viveu. A memória é uma casa que continua de pé mesmo depois que os móveis mudam de lugar. Basta eu fechar os olhos e volto lá. Revivo, em cores, quantas vezes eu quiser. Nenhum término assina essa ordem de despejo.

Preciso ser honesto, não sou fácil. Tenho defeitos que pesaram, que cobraram dela uma paciência que nem sempre era justo cobrar. Não tenho o direito de exigir compreensão total, porque eu mesmo não dei toda a que ela merecia. Mas de uma coisa tenho certeza: ela fez o melhor que pôde. E eu fiz o meu melhor também. A gente foi até onde a corda esticava, com lealdade, com honestidade, do jeito que as coisas têm que ser. No fim, fica isso: não o quanto a gente errou, mas o quanto a gente tentou - e acertou.

Porque amar alguém não é só dividir um presente. É construir um passado que vai com você para sempre. E o passado, esse, ninguém termina.

Quem sabe um dia a gente aprenda que não é obrigatório virar estranho. Que dá para se querer bem de longe, sem a pressa de esquecer, sem a urgência de apagar. Que dá para guardar o outro num canto que não cause dor e, sim, luz.

Até lá, sigo por aqui. Grato por ter amado e por ter sido amado. Levando comigo, inteiro, tudo aquilo que nenhum fim é capaz de alcançar.